

fantástico: vídeo-clip do reader's (in)digest

LUIS ANTONIO KLEIN, aluno do Curso de Comunicação da FABICO/UFRGS.

“Jamais poderemos passar sem a palavra e os outros sistemas de símbolos, pois foi graças a eles, e somente por eles, que nos elevamos acima das bestas, atingindo o nível de seres humanos. Mas poderemos facilmente nos tornar tanto vítimas como beneficiários desses sistemas. Precisamos aprender como manejar eficientemente as palavras mas, ao mesmo tempo, devemos preservar e, se necessário, intensificar nossa capacidade de olhar o mundo diretamente e não através da lente semi-opaca das idéias, que distorce cada fato, diluindo-o no lugar-comum das denominações genéricas ou das abstrações explanatórias.”

Aldous Huxley

1 A IDEOLOGIA POR TRÁS DO SHOW

O programa Fantástico — O Show da Vida — pode muito bem ser visto como um indicativo do “way of life” da Rede Globo. Ele aborda os fatos da vida em seus aspectos *sérios* ou divertidos, sempre com grandes cuidados formais e estéticos, com grande qualidade técnica e . . . total de conteúdo. Com a permissão tácita de milhões de telespectadores, e valendo-se da modorra dos finais de domingo, o programa atinge o auge do refinamento na abordagem dos assuntos mais importantes do grande reino das abobrinhas. Mas é grande ingenuidade imaginar que este *show da vida* se limite a ser mero entretenimento dominical. Há, por trás desta aparente amenização, toda uma variedade de intenções pedagógicas e ideológicas.

É através deste programa que a emissora veicula o seu informativo de domingo. Este informativo passa por uma série de processos que visam diluir e fragmentar as notícias, de tal forma a não permitir que o telespectador possa ter condições de localizá-las no processo histórico vivenciado pela sociedade.

A produção musical, bem acabada na forma e na estética, divulga artistas nacionais e internacionais, de valores musicais mais facilmente comercializáveis. Neste aspecto o programa funciona como veículo de incentivo ao consumo imediato de determinados produtos artísticos. Produtos artísticos, sem entrar no mérito de considerar ou não como arte, produtos com preocupação exclusiva de servir aos meios de consumo.

As reportagens sobre avanços científicos e tecnológicos vendem a ideologia de que há uma democratização no acesso a estes avanços, por parte da população em geral. Além do que,

mantém o mito de que é necessário e irremediável o avanço urbano-industrial, de forma imposta e padronizada, como única forma possível de evolução da sociedade.

Sua proposta, essencialmente formal e estética, através da utilização dos últimos avanços tecnológicos, apenas salienta o caráter ideológico do programa. A sofisticação da imagem apenas corta qualquer tentativa de alcançar uma comunicação real — diálogo entre transmissor e receptor — uma vez que utiliza uma linguagem distante da maioria da população, pobre e carente de recursos. A Globo, fazendo uso do seu “padrão de qualidade”, acaba neutralizando temas de real interesse para a sociedade. Se por um lado há o aperfeiçoamento cada vez maior da forma, por outro lado há um desvio da necessidade de uma maior preocupação com o conteúdo.

Há também uma crescente eliminação das cores marcantes de cada cultura regional, diluídas num mesmo tom padronizado. As finalidades políticas e econômicas são nítidas. Há a intenção de criar o clima de unidade nacional, tornando o país um grande e único mercado consumidor.

Assim sendo, percebe-se claramente que, por trás de uma inocente aparência de ser entretenimento dominical, o programa Fantástico funciona como elemento que reproduz a ideologia dominante no Brasil.

2 A ESTRUTURA DO PROGRAMA

Tendo como ponto de partida o programa que foi ao ar no dia 11 de Maio de 1986, e considerando que sua estrutura permanece quase que imutável, é possível fazer uma avaliação sobre o modo como transcorre o programa.

O primeiro bloco do programa inicia com os resultados da Loteria Esportiva e, recheado com algumas pessoas que percorrem o Pólo Norte a pé e um musical com João Gilberto, culmina com o noticiário que resume os acontecimentos da semana. É o noticiário mais extenso, sendo apresentado a partir de manchetes rápidas e atomizadas, dando igual ênfase tanto aos protestos contra bases militares americanas na Espanha, como ao corte de algum jogador da seleção. Ao final de cada bloco há chamadas das próximas atrações do programa, com especial destaque à Reportagem Final.

No segundo bloco vemos os problemas ecológicos causados pelas saúvas num reflorestamento de Pinnus — esquecendo de mostrar os problemas ecológicos causados pelo próprio tipo de reflorestamento. Há uma longa divulgação de um seriado da emissora chamado *Anos Dourados*, entrevistando Gilberto Braga, autor do seriado, e com um tema musical do seriado. Após um discurso do Papa, advertindo sobre os riscos da tecnologia, surgem os últimos fatos sobre o acidente na usina nuclear de Kiev. De um lado, os russos tentando dar tranqüilidade ao resto da Europa, de outro lado, os americanos — repletos de solidariedade — dado sua ajuda às vítimas. Encerrando com chave de ouro, uma cirurgia para o câncer no seio, desenvolvida pela Universidade de Campinas (UNICAMP), indicando os caminhos esperançosos abertos pelo bom uso da tecnologia.

No terceiro bloco, ficamos sabendo que, na nossa próxima ida a Londres, podemos tranqüilamente almoçar num restaurante onde nós próprios estipulamos o valor a ser pago pela refeição. Enquanto os últimos avanços tecnológicos em exposição na Feira Mundial do Canadá não chegam por aqui, podemos assistir ao musical de Eduardo Dusek. De lambuja, nos deliciamos com o desfile de garotas Verão, com seu vasto repertório de poses lânguidas e provocantes. Tudo muito ao alcance de nossas mãos.

No quarto bloco, após um noticiário sério e conseqüente — entre outras coisas, mostrando a volta de Jânio a São Paulo — há uma reportagem social com crianças que são espancadas pelos pais. A temática pais & filhos é interrompida pela presença do Brasil, em Cannes, com o filme *Eu Sei que Vou te Amar*, para ser novamente retomada com um apelo emotivo de Chico

Anísio sobre o Dia das Mães. As lágrimas começam a brotar com o esforço honesto das mães mais pobres, provando que a sobrevivência digna é possível; e jorram incontroláveis com as obras filantrópicas das mães mais ricas.

No quinto bloco mais divulgação de novela da emissora. Uma entrevista com a emocionada autora de *Sinhá Moça*, com atrizes emocionadas e com emocionadas ex-escravas. Após um musical internacional, outro noticiário sério e conseqüente, dando ênfase ao clima negativo entre os jogadores da seleção brasileira no México.

No sexto bloco, mais uma vez a solidariedade humana vem à tona, com uma reportagem social sobre a assistência dada a crianças carentes, através de refeições e de aprendizagem profissional. Salienta-se um momento de nobreza e arte, com o recital de poesias de Fernando Pessoa. Outro noticiário breve mostrando a violência na Coréia do Sul e a Nasa após a explosão da aeronave Challenger. A ênfase do bloco fica com a Fórmula-1, com comentários e o compacto dos melhores momentos da corrida, sendo que os comerciais apresentados antes e depois do bloco são ligados à Fórmula-1.

No último bloco surge a Reportagem Final, tratando das vantagens e desvantagens da prisão domiciliar, numa experiência pioneira feitas nos Estados Unidos. Seria uma forma de livrar o Estado do ônus de manter os presos. Há uma pálida tentativa de mostrar as possibilidades de introduzir o sistema no Brasil, sem considerar as diferenças de condições tecnológicas e econômicas existentes entre os dois países. Não fosse séria a situação, seria engraçado comparar o preso americano, visto numa casa de classe média, constantemente ligando para o seu responsável; enquanto o preso brasileiro, em seu casebre no morro, não encontra sequer um orelhão por perto. O final apoteótico e comovente fica por conta do Editorial, de fundo moralista e populista, apelando para os bons sentimentos inerentes ao povo brasileiro.

Há ainda, como parte integrante do programa, os Gols da rodada. Mesmo nesse momento pleno do circo geral, há uma certa forma de dominação cultural. No início aparecem os times de Estados mais pobres, geralmente com menor qualidade técnica; no clímax do programa, aparecem os times do eixo Rio-São Paulo, com ótimo nível na qualidade do som e da imagem, em estádios maiores e melhor construídos. Isto salienta a evolução tecnológica e industrial como grande meta a ser atingida. O desenvolvimento tecnológico, existente no eixo industrializado, é o clímax a ser atingido pela civilização humana.

3 COM A TÉCNICA, O ESPETÁCULO ACIMA DO CONTEÚDO

A abertura do programa é um verdadeiro desfile daquilo que há de mais moderno em matéria de possibilidades tecnológicas. Um cenário espacial e futurista traduz um show monumental de arte e de técnica. Uma pirâmide laminada vai sendo sucessivamente cortada por fachos de luzes multicoloridas e se transforma em unidades espaciais. Sobre estas unidades espaciais flutuantes, bailarinos em trajes geométricos lançam seus corpos numa dança apoteótica. Tudo é o mais moderno e futurista possível. Até mesmo a música, já bastante tradicional e conhecida, foi modernizada e simplificada em sua estrutura melódica, sendo que uma única frase é pronunciada, em voz computadorizada: *E Fantástico*. (Atualmente, o programa está com nova abertura).

O responsável por todas estas inovações tecnológicas, que contém um considerável valor artístico, é o austríaco Hans Donner, à frente do Departamento de Arte da emissora. Donner, com sua capacidade técnica e criativa, abre novas formas de manifestações artísticas, através da utilização de uma linguagem moderna e rica em recursos de expressão. Isto tudo é possível graças a utilização de moderníssimo e sofisticado sistema de computadores, dotados de múltiplos recursos, atingindo efeitos de cor, de luminosidade, de textura e, principalmente, de movimento.

Além das possibilidades artísticas abertas pela tecnologia, há o seu caráter de utilização como forma de dominação. A própria seleção de uma reportagem, muitas vezes é baseada em critérios meramente formais. A chegada da cor na televisão trouxe consigo o fortalecimento da idéia de grande espetáculo, e o Fantástico tem suas origens neste época. A imagem como forma de representar valores estéticos — com bom contraste, boa focagem, e belas cores — torna-se o fator primordial para a seleção da reportagem a ser mostrada no ar, pouco importando o seu conteúdo.

Há também um padrão estético a ser observado na temática a ser abordada. Há a preferência pelos eventos espetacularmente abordados e por assuntos exóticos e pitorescos, com pouca importância dada aos fatos de real interesse no momento histórico. Deve ser tomado muito cuidado quando houver a necessidade de mostrar pessoas do povo, com defeitos físicos ou aspectos demasiadamente miseráveis. Mesmo uma reportagem na favela não mostra os seus aspectos mais agudos. As pessoas não são totalmente miseráveis, e o seu barraco até que apresenta condições bem razoáveis de vida. É preciso dourar a pílula. Ao olharmos o programa, ficamos com a impressão de que o país foi lavado com álcool, e a sujeira provisoriamente varrida para baixo do tapete. Não há vestígios de miséria ou de subdesenvolvimento e muito menos de crises sociais. São oito horas na República Federativa do Pau Brasil & Bananas, e tudo vai muito bem.

4 APRESENTADOR, IMAGEM DO HOMEM IDEAL

Na maior parte das formas de lazer, como no teatro e no cinema, o público vai em busca do espetáculo. Na televisão, o espetáculo é que vai em busca do público, diretamente no seu lar. Em razão desta intimidade familiar, inerente à linguagem televisiva, a imagem do apresentador é essencial para a realização da mensagem televisiva. Seu rosto e suas atitudes devem transmitir a confiança e a descontração necessárias para que o público permita a invasão de sua privacidade. Deve ser criado um clima de conversa íntima, que naturaliza a apresentação do mundo, estabelecendo a concretização das intenções do meio de comunicação para com o seu público.

A Globo opta pelo tipo galã-duro-porém-terno, bem vestido e com um padrão estereotipado de beleza, para conquistar a admiração e a confiança do público. Ele se mostra como alguém respeitável e bem sucedido na vida. O apresentador busca o equilíbrio e a ponderação. O ar impassível, sem conotar nenhum sinal de emoção, capaz de induzir alguma opinião ao espectador. É a notícia pela notícia, sem nenhuma interpretação ou colocação do seu nível de importância dentro do contexto social.

O programa tem a intenção de atingir todos os níveis sociais da população. Para tanto, a apresentação da notícia deve estar isenta, sem possibilidades de indicar alguma tomada de posição favorável e determinado setor da sociedade. De preferência, não deve sequer aparentar a existência de classes sociais. É buscada uma forma de apresentação massiva, dentro de alguns parâmetros e valores que são considerados denominadores comuns na sociedade. Desta forma, satisfazendo as necessidades vorazes de Ibope, o programa busca ser digerido pelo maior número possível de pessoas.

5 INDUSTRIALIZAÇÃO E A DOMINAÇÃO CULTURAL

Qualquer telejornal brasileiro depende das notícias veiculadas pelas Agências Internacionais — como UPI, France Presse, por exemplo — que funcionam como elementos persuasivos, moldando e interpretando a cosmovisão do telespectador. Desta forma recebemos as notícias interpretadas segundo os interesses dos países desenvolvidos, que controlam estas Agências. Por exemplo, a notícia sobre os Bancos que estão financiando a campanha anti-terror é abordada

unilateralmente, segundo os interesses dos Estados Unidos, sem nunca mostrar o lado daqueles que são sumariamente rotulados de terroristas.

A dominação cultural não ocorre apenas a nível internacional, dos países desenvolvidos sobre os países subdesenvolvidos. Ocorre a nível nacional, com o domínio do eixo Rio São-Paulo — onde se concentra a produção industrial brasileira — sobre as demais regiões. Ocorre a nível de Capitais sobre as cidades do interior, e assim por diante, com o mais forte sempre exercendo o domínio sobre o mais fraco.

No Brasil existe uma intenção, plenamente pactuada pela Globo, de veder uma imagem de identidade nacional, urbana e cosmopolita. Surge a imagem de uma sociedade desenvolvida tecnológica e industrialmente, fruto de uma alardeado desenvolvimento econômico. Sabe-se que no Brasil se contrapõem, de forma evidentemente clara, uma grande diversidade de expressões culturais. Mas esta diferenciação cultural é negada pela cultura urbana e industrial, da qual a própria televisão é símbolo. Anula-se uma cultura com existência paralela — popular e alternativa — de expressão rica e heterogênea, fruto da linguagem cultural do povo brasileiro.

A diversidade cultural é evidente em vários níveis. Nos aspectos de comportamento, de religiosidade, e mesmo em matéria de recursos disponíveis para que determinada região apresente determinadas formas de desenvolvimento industrial. Desta forma, não pode haver simplesmente uma aplicação do mesmo modelo de desenvolvimento aplicado no eixo dominante — que por si só é cópia mal adaptada dos modelos estrangeiros. É impossível falar em unidade nacional, ou de uniformidade entre a realidade nordestina, por exemplo, e a sociedade que é apresentada como pretensão modelo globalizador cultural.

A programação é centralizada no eixo industrial, e a produção local, quando existe, é tão ínfima que não assume maior significação no quadro geral do programa. E, ainda por cima, é apresentada sem as cores próprias, de forma padronizada. A descaracterização cultural que se cria nas diversas regiões brasileiras nunca é questionada. Inclusive, há interesses para que ocorra a homogeneização cultural, o que facilitaria a pretendida unidade nacional, que tem, como segundo gume, a transformação do país num imenso e uniforme mercado de consumo comandado pelo eixo industrializado.

6 MANIPULAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Os meios de comunicação lançam mão de várias formas de manipulação da informação. O acontecimento é visto de forma banal, perdendo a sua importância real dentro da sociedade, surgindo como algo isolado e ocasional. Desta forma, torna-se mais fácil para o sistema absorver e eliminar determinados incidentes que lhe poderiam ser inconvenientes.

Os noticiários do programa apresentam o fato de maneira isolada, sem apresentar a sua devida importância no contexto histórico, considerando suas razões e implicações. A notícia, sendo somente parte isolada, aparece de forma curta, fragmentada e atomizada, tal como pretendem que seja a tomada de consciência do telespectador. Quando fala em índices negativos da inflação, insinuando a eficiência dos pacotes econômicos do governo, nunca questiona sequer as possibilidades de manipulação de tais índices.

Com a fragmentação da notícia, os telejornais têm a tendência de emitir um grande número de acontecimentos em curto espaço de tempo. É como se fosse um vídeo-clip de informações, com tomadas rápidas e curtas num ritmo alucinante. É o tipo de linguagem utilizada pelos próprios comerciais. Desta forma, do início ao fim, vemos um programa apresentado de maneira entrecortada, com duas horas ininterruptas de tomadas rápidas e totalmente insípidas. Tal bombardeamento não permite qualquer iniciativa de raciocínio por parte do telespectador, para a formação de sua consciência crítica da realidade mostrada. Ao final restam apenas algumas vagas impressões, que sequer podem ser definidas claramente. É um método muito semelhante ao

utilizado nas lavagens cerebrais, onde se faz a utilização de uma grande repetitividade de segmentos semelhantes. O telespectador não consegue sequer tempo para respirar, ficando irremediavelmente grudado à poltrona, amassado pela avalanche de informações. Sua mente permanece confusa, repleta de fatos isolados e desconexos. Não há, desta forma, condições de entendê-los com um todo mais amplo e coerente.

6.1 Criando os bodes expiatórios

O fenômeno social que for considerado nocivo pelo sistema é apresentado como algo totalmente nefasto, sendo utilizado como contraste para ressaltar os valores aceitos pelo sistema. São utilizadas técnicas maniqueístas, onde o bem é sinônimo de paz social e o mal é sinônimo de desordem social e de crises econômicas. Cria-se um clima pejorativo para o significado de determinadas situações, ou palavras — os rótulos — utilizados contra os inimigos do sistema. Estes rótulos tanto produzem seus frutos legitimando as repressões imediatas, como também são constantemente referidos, mesmo em períodos sem perigos aparentes. Assim, mantém seu valor conotativo para que possam ser reativados futuramente, se necessário for. A palavra *terror*, mesmo quando surge isoladamente, possui conotações bastante definidas e negativas, sendo de imediato ligada aos atos do governo da Líbia, sem nunca levantar hipóteses de uma possível culpa, também do lado dos mocinhos do filme, os americanos. Este fenômeno é muito conhecido aqui no Brasil, principalmente na época do golpe de 64, onde quem não se comportasse dentro dos padrões esperados poderia ser brindado com o rótulo de *comunista*. Recebendo, também, todos os benefícios que este rótulo então lhe reservava, como viagens a lugares bastantes exóticos. Só de ida. . .

No Brasil, após a última — entre tantas outras — ascensão do poder estatal, surge o Estado como pretexto árbitro das atividades culturais. Hoje, não se sabe até quando, o poder está camuflado em uniformes civis, e respira-se o ar mais ameno de uma sutil abertura. Mesmo com aparente isenção, o Estado defende — como representante direto que é — os mesmos interesses das classes dominantes, proprietárias dos grandes conglomerados da comunicação. Para garantir o controle, o Estado enquadra as manifestações culturais e ideológicas como questão de Segurança Nacional.

6.2 Os fatos sem história

O programa possui a inigualável capacidade de abordar fatos que não possuem importância dentro do contexto histórico, não sendo localizados no desenrolar dos acontecimentos gerais do mundo. Os fatos são mostrados unicamente por seu caráter de espetáculo, de face exótica e pitoresca.

Há a preferência por matérias que envolvam e mobilizem o interesse de grande número de pessoas, valorizando o aspecto monumental. A Loteria Esportiva, por exemplo, mobiliza grande quantidade de dinheiro e mantém nas classes menos favorecidas a ilusão de ascensão social. Uma Feira Mundial atrai milhares de pessoas e mostra a tecnologia de vários países. Um fato inédito ou exótico, alguma grande façanha, uma quebra de recorde mundial. Em suma, o programa pode ser visto como uma versão televisiva da *Seleções do Reader's Digest*, ou como um refinado almanaque de farmácia onde desfilam, em doses nada homeopáticas, as maiores abobrinhas.

O programa procura salientar o sentimento nacionalista, com fatos que mostram a participação e a integração do Brasil a nível internacional. O cinema nacional premiado no Festival de Cannes. Pesquisas de cientistas brasileiros na área da saúde — a maior parte das pesquisas

mostradas se relacionam a problemas afastados das necessidades primárias da população. A participação de atletas brasileiros em competições internacionais, salientando fatos isolados, de tal forma que transparece estar o país constantemente vencendo tais competições. *Brasil-il-il*.

A Globo demonstra uma preocupação com a criação de momentos de lazer, capazes de tirar dos ombros do telespectador toda a angústia trazida pela semana de trabalho e de exploração a baixos salários. É uma forma de lazer passivo, tentando suprir as reais necessidades de lazer, que a maior parte da população não consegue satisfazer.

7 REPORTAGEM FINAL, O EDITORIAL

Em tom grave e sério, a Reportagem Final adverte o telespectador sobre as situações cruciais existentes, chamando a atenção para a quebra de valores que se constituem em grande denominador comum de padrões sociais.

O grave problema social, no entanto, nunca é localizado dentro do contexto. Nunca se colocam as suas ligações com a luta de classes ou com os problemas existentes no interior da nossa sociedade. A análise é feita de modo a localizar o problema como fruto de algum desvio individual do comportamento moral, com a ruptura de valores aceitos com unanimidade pela sociedade humana. A culpa sempre recai sobre as crises relativas à solidão das grandes cidades, à falta de solidariedade e de amor entre os homens. Nunca são questionadas as crises de valores, em grande parte devidas ao avanço de uma tecnologia importada, que nem sempre procura considerar e se adaptar aos variados aspectos sociais e culturais existentes na realidade do país. Muitas destas crises são reflexo deste sub-capitalismo que nos é imposto pelos países desenvolvidos, cujo interesse principal é a manutenção do seu mercado consumidor, bem como a manutenção e exploração da nossa grande massa de mão-de-obra — de preferência a mais barata e ignorante possível.

No editorial final, há um discurso populista capaz de comover a todas as classes sociais. Aos privilegiados oferece um discurso conciliatório, capaz de redimi-los de possíveis crises de consciência, sem que tenham que colocar em jogo o seu poder. Aos menos privilegiados, funciona como válvula de escape necessária para diluir os seus frustrados anseios de ascensão social, ou mesmo de uma sobrevivência digna.

8 CONCLUSÃO

Geralmente a televisão é encarada como algo totalmente objetivo e neutro. Através das imagens, o telespectador comprova com os próprios olhos a veracidade dos fatos, não concebendo qualquer possibilidade de distorções ou falsas transmissões. Há toda uma magia em torno do vídeo, que detém o monopólio das atenções e tem o poder de falar sobre qualquer assunto. Essa autoridade acaba não permitindo que o telespectador tenha capacidade de formar uma visão crítica de todo o processo que se desenrola na sociedade.

É preciso considerar que, embora se possa admitir a necessidade da objetividade, deve ser levado em conta que esta objetividade é relativa, dependendo da posição social que cada grupo ocupa dentro do processo histórico vivenciado na sociedade. Antes de mais nada, é necessário que o telespectador aprenda a ter uma visão crítica do próprio meio de comunicação para que seja capaz, então, de entender a realidade. Se a dominação dos meios de comunicação não pode ainda ser vencida, ao menos é necessário que se saiba identificá-la. A dita objetividade, sob o ponto de vista dos dominantes, poderá ser, então, julgada pelos setores menos privilegiados da sociedade.

A televisão encontra como receptor uma massa pouco crítica e com graves problemas até mesmo de sobrevivência, que dirá de escolaridade e de cultura; a maioria não possui sequer o

primário completo. Isto não lhes permite maiores condições de perceber e de entender o contexto em que estão inseridos como parte atuante, mesmo que colocados em papéis marginalizados.

É clara a necessidade de que a população tenha acesso ao maior número possível de informações. Mas a população deve estar preparada para saber interpretá-la, sob o risco de tal informação vir a ser um instrumento de manipulação de idéias. Porém, uma proposta de visão crítica não pode ser implantada de forma paternalista, sem apresentar os devidos níveis de discussão. Seria o mesmo que a dominação ideológica hoje existente. Dominação é sempre nefasta, não importando a quem esteja servindo.